

# Os caminhos do Ensino da Comunicação nas instituições da região Centro Oeste

Eron Brum\*

Andréa Ferraz Fernandez\*\*

## Resumo

Parte deste artigo foi apresentada em forma de palestra no Seminário sobre o Ensino de Graduação em Comunicação Social – IV ENSICOM, realizado durante o XXVII Congresso da Intercom, em setembro de 2004, na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (RS). O texto reflete correntes teóricas da Comunicação Social, mas seu *corpus* enfoca de maneira privilegiada as estratégias encontradas pelos cursos da região do Centro Oeste – Brasília (DF), Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul – para adaptar-se face às mudanças do ensino superior brasileiro provocadas pelas Diretrizes Curriculares e Sistema de Avaliação.

**Palavras-Chave:** Comunicação Social, Diretrizes Curriculares, Centro Oeste.

## Resumen

Parte de este artículo fue presentada en forma de charla en el Seminario sobre la Enseñanza de Graduación en Comunicación Social – IV Ensicom, realizado durante el XXVII Congreso de la Intercom, en septiembre de 2004, en la Pontificia Universidad Católica de Porto Alegre (RS). El texto refleja corrientes teóricas de la Comunicación Social, pero su *corpus* enfoca de forma privilegiada las estrategias encontradas por los cursos de la región Centro-Oeste (Brasília (DF), Goiás, Mato Grosso y Mato Grosso do Sul) para

---

\* Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Professor do Curso de Comunicação Social e do Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da UNIDERP - Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal. Coordenador do Curso Mestrado Interinstitucional em Ciência da Informação da UnB/UNIDERP.

\*\* Doutora em Ergonomia Cognitiva pela Universitat Politècnica de Catalunya. Professora do Curso de Comunicação Social e do Mestrado de Produção e Gestão Agroindustrial da UNIDERP - Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal.

adaptarse a los cambios del nivel superior brasileño provocados por las Directrices Curriculares y Sistema de Evaluación.

**Palabras-clave:** Comunicación Social, Directrices Curriculares, Centro-Oeste.

### **Abstract**

Part of this article was first presented in September 2004 as a selected paper for the 4th Seminar on Education in Social Communication, an event of the 27th Brazilian Congress of Communication Sciences, which took place at the Catholic University of Porto Alegre, in the State of Rio Grande do Sul. Even though the article considers some Communication theoretical tendencies, its main purpose was to focus on the strategies adopted by most of the undergraduate Communication courses in the Mid West Region – which includes the country's capital Brasília and the States of Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul – in order to adjust themselves to the changes promoted by the national curriculum directions and also by the Evaluation System established for all University courses.

**Keywords:** Social Communication, curriculum directions, Brazil Mid West Region.

## **1. O cenário das mudanças**

O Seminário sobre o Ensino de Graduação em Comunicação Social de Porto Alegre refletiu as linhas teóricas e as práticas implementadas nas cinco regiões brasileiras,<sup>1</sup> destacando-se os seus projetos pedagógicos e as mudanças encaminhadas pelas Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Guardadas as diferenças regionais e as peculiaridades de alguns cursos os problemas são idênticos e as soluções buscadas seguem basicamente as mesmas linhas.

Provavelmente o impacto da globalização veio somar-se ao processo de avaliação dos cursos e as dificuldades igualmente ignoram as fronteiras e até mesmo as culturas próprias de cada região. É oportuno buscar em Casagrande<sup>2</sup> que afirma que a comunicação caracteriza uma estrutura social, significando organização, onde através dela, compartilha-se modos de vida e de

comportamentos, hábitos ou costumes, que supõe a existência de certos conjuntos de normas que estruturam a associação e os conjuntos de elementos que estão em relação. Para entendermos essa relação devemos recorrer à teoria da comunicação para obtermos os parâmetros que permitirão analisá-la.

Ainda podemos classificar a comunicação entre verbal e não verbal, compreendendo a primeira como aquela que se utiliza de palavras ou signos para se efetivar. Por meio da comunicação verbal, simbólica e abstrata, que se faz por palavras (faladas ou escritas) o homem pôde compreender e dominar o mundo que o rodeia e entender os outros.

Para Arnoldo & Borges (1989) e Stefanelli (1992) as funções da comunicação visam conhecer a si mesmo e ao outro, estabelecer relacionamento significativa e estimular mudanças de atitude e de compromisso. Entendemos, portanto, que essas funções ao se interagirem se aplicam a diversas situações, pois a comunicação é, antes de tudo, um ato dinâmico, criativo, um processo entre emissor e receptor. Historicamente, os sistemas de evolução foram aparecendo de acordo com o desenvolvimento da humanidade, das sociedades e de suas novas necessidades de produção e acumulação de riquezas, divisão de trabalho, comunicação, entre outras. Torna-se, então, necessário verificar qual a perspectiva de futuro para o qual a Comunicação caminha e, acreditamos, esta direção vem tomando repetidamente o nome de 'Comunicação Sistêmica'.

É sob essa ótica – Comunicação Sistêmica – que buscamos compreender o impacto das tecnologias, as novas diretrizes curriculares, a idealização dos projetos pedagógicos e o sistema de avaliação que tanta polêmica vêm causando no ensino superior brasileiro, neste caso, os cursos de graduação da região Centro Oeste.

Diz-se, na fala comum, que quem age sistematicamente tem planos, se orienta em regularidades e padrões e tenta averiguar modos de funcionamento.<sup>3</sup> Quando se fala em política, sistema costuma denominar um determinado regime e/ou um certo aparelho estatal que zela pela manutenção de uma ordem social mais ou menos rígida. Na economia, usa-se, por exemplo, o conceito de sistema para designar o sistema feudal ou o sistema capitalista.

Ambos se distinguem por um modo de produção, que caracteriza uma certa ordem, na qual predominam determinados fatores econômicos.

Especificamente na área da Comunicação, Luhman (1992) fala da improbabilidade da comunicação, afirmando que ela derruba a modernidade enquanto "cultura comum" e a substitui pela multiculturalidade operada pela sociedade da comunicação.<sup>4</sup> Projetada para o futuro e pela ficção científica, hoje ela já está sendo vivida. Quanto à teoria de sistemas, essa passa a se ampliar para uma teoria de redes de sistemas (também chamados de hipersistemas ou supersistemas), acrescentando mais um nível de observação a ser referenciado na construção teórica.

A teoria de sistemas sociais co-evoluiu com estas descobertas aproveitando seus resultados e interagindo com eles, explicitamente a partir da segunda metade do século XX. Desde então, ela se transformou de uma teoria de sistemas em equilíbrio numa teoria de sistemas não-lineares e complexos, expostos a desequilíbrios ambientais e auto-reproduzidos.

A convergência entre a Comunicação e o Pensamento Sistêmico pode ser compreendida na reflexão de Vasconcellos (2003: 147) ao considerá-lo como o novo paradigma da ciência: "...há duas maneiras de responder à pergunta que me fazem (em relação à teoria sistêmica enquanto novo paradigma): porque pensar sistemicamente é pensar a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade; ou porque os pressupostos da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade constituem em conjunto uma visão de mundo sistêmica". Se substituirmos a expressão 'Sistêmico' por 'Comunicação' veremos que estamos falando da mesma coisa.

Brum e Ijuim (2003) relacionaram a teoria sistêmica com o ensino de jornalismo a partir do caráter interdisciplinar da comunicação, em oposição às posturas cartesianas, fragmentadoras. Os autores recorrem a Capra (2000) e seu postulado de que as propriedades das partes não são propriedades extrínsecas, mas só podem ser entendidas dentro do contexto do todo mais amplo. Ao inverter a relação entre as partes e o todo, o pensamento sistêmico, por ser "contextual", desqualifica a análise, pois ela isola alguma coisa a fim de entendê-la. E já que as teorias sistêmicas não levam em conta as partes, o que entendemos como parte é um padrão no interior de uma teia inseparável de relações.

Dessa forma, discutem os referidos autores, a aproximação de uma das áreas da Comunicação Social, o jornalismo, com a teoria sistêmica, se dá por vias tortuosas. E exemplificam desta forma: se o jornalismo vive mergulhado nas eternas discussões da relatividade dos fatos, da imparcialidade buscada e nunca encontrada, da veracidade no lugar da verdade, a o paradigma sistêmico igualmente considera que todas as teorias científicas são limitadas e aproximadas.

Contextualizada a Comunicação Sistêmica no âmbito das Ciências da Comunicação, nos detemos agora a vislumbrar a utilidade da comunicação como instrumento fundamental para o processo ensino-aprendizagem. Iniciamos o olhar sobre o tema observando as afirmações contidas no texto “Eficácia Comunicacional na Docência Universitária: A Perspectiva de Estudantes e Professores”,<sup>5</sup> de Antônio Rego, da Universidade de Aveiro, Portugal. O principal estímulo que dirige o artigo decorrer da idéia de que “quase todos os problemas, conflitos, erros e incompreensões têm a sua gênese, ao nível mais básico/profundo, num problema de comunicação e está animado pelo desejo de apresentar evidência empírica sobre a exposição de atos que os docentes podem adotar tendo em vista serem melhores professores”. E alinha as devem ser adotadas pelos professores:

- a) O comportamento empático, que incorpora atos comunicacionais de proximidade, participação e empenho, simplicidade e atratividade da linguagem, e apoio sócio-afetivo;
- b) A conscienciosidade pedagógica, que integra comportamentos atinentes à preparação da aula, sua estruturação, organização e competência técnica;
- c) A cortesia, que respeita a delicadeza e grau de respeito no tratamento dos estudantes; e
- d) Uma quarta dimensão que fala sobre o processo de ensino não realizado com base na leitura exclusiva de textos.

Como reitera Rego, os estudantes não se deixam deslumbrar por posturas “apenas simpáticas”, pois percebem três procedimentos básicos: o professor é consciencioso na preparação e organização

das aulas; empenha-se ativamente em que os alunos apreendam os conhecimentos; e ilustra as exposições com exemplos práticos.

## 2. Os impactos nos cursos do Centro Oeste

Para a coleta de informações dos cursos de Comunicação Social no Centro Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), elaboramos questionário com cinco questões que respondessem aos objetivos do IV ENSICOM, que visou "contribuir para reflexão sobre as mudanças no ensino superior brasileiro e o novo modelo de avaliação para as condições de oferta dos Cursos de Comunicação Social e suas habilitações. As questões – todas elaboradas em sintonia com os objetivos geral e específicos do Seminário.<sup>6</sup>

Os contatos com os Curso de Comunicação do Centro Oeste resultaram na coleta de informações de sete habilitações de Mato Grosso do Sul, três de Brasília, duas de Goiás e uma de Mato Grosso, totalizando 13 habilitações. Ressalte-se que as dificuldades foram muitas com relação às Universidades Federais, em greve naquele momento. Do total dos Cursos de Comunicação Social, as Habilitações foram assim distribuídas: Jornalismo (06), Publicidade e Propaganda (06), Audiovisual (01).

O número de instituições particulares foi bem superior às públicas: seis contra apenas duas. Entre as particulares consta uma confessional. Nesta análise, consideramos primeiro o conjunto das instituições, sem diferenciar os aspectos público ou privado e, em seguida, apresentamos alguns quadros e comentários em separado. Procuramos construir tipologias que representassem de forma resumida, mas visível, as considerações dos coordenadores dos cursos.

Para não identificar as instituições e seus cursos, utilizaremos letras nas análises que se seguem aos quadros demonstrativos sendo, que os três primeiros quadros agrupam informações constantes nos Projetos Pedagógicos de cada habilitação.

## Projeto Pedagógico: a determinação de perfis

01. Capacitação para as tecnologias
02. Formação de profissionais com perfil multiprofissional
03. Inserção preferencial dos egressos no mercado regional
04. Obrigatoriedade na integração Teoria-Prática
05. Horizontalidade (interdisciplinaridade) e Verticalização (Especificidades)

### Quadro 1: Convergências

01. Qualificação docente
02. Quadro docente insuficiente
03. Excesso de professores apenas horistas
04. Nível cada vez mais deficiente dos alunos

### Quadro 2: Dificuldades

01. Possibilitou cursos mais flexíveis
02. Laboratórios e softwares avançados
03. Grande sintonia com o mercado de trabalho regional
04. Melhoria de nível dos alunos
05. Interação teoria-prática do primeiro ao último semestre
06. Disciplinas voltadas para a realidade regional
07. Formação de um profissional multimídia

## 08. Formação humanística e cultural consistente.

**Quadro 3: Potencialidades**

Esses três quadros mostram que os novos Projetos Pedagógicos significaram novas posturas dos Cursos de Comunicação Social da região Centro-Oeste.<sup>7</sup> Há uma preocupação forte de todos os cursos com a capacitação tecnológica, mas alguma Universidade ainda não conseguem acompanhar a evolução tecnológica do mercado. Os coordenadores dos cursos concordam no esforço de sintonia com o mercado de trabalho regional, a formação de um profissional multimídia e o fim do distanciamento entre teoria e prática.

No Quadro 2 – Dificuldades as maiores preocupações são com a formação docente. No caso das instituições particulares (privadas e confessionais) o maior entrave é a dificuldade em se conseguir bolsa integral para cursar mestrado ou doutorado e, nas públicas, a insuficiência do quadro docente devido à falta de concursos, o que ainda impede de que professores do quadro efetivo sejam liberados para a pós-graduação *stricto sensu*.

Chega a causar surpresa o destaque das potencialidades dos cursos relacionadas ao Projeto Pedagógico. Os três itens presentes em todos os questionários são a concretização de cursos com maior flexibilidade, a aquisição de laboratórios e softwares avançados e a grande e crescente receptividade do mercado de trabalho regional. São citados também a formação de um novo tipo de profissional, de características multimídia, a interação teoria-prática em todos os semestres e a formação cultural-humanística mais consistente.

O exemplo do Curso A é incontestável: "...os pontos mais relevantes do nosso Projeto Pedagógico são o compromisso de formação de um profissional generalista, com sólida formação técnica, científica, cultural, humanística e ética...atrelando o desenvolvimento tecnológico, científico e cultural à melhoria da qualidade de vida do homem...". Para viabilizar as exigências do Projeto Pedagógico o Curso A, na habilitação Jornalismo, estabeleceu as prioridades em cinco eixos temáticos: 1. Comunicação, Cultura e Sociedade; 2. Mídia e Tecnologia; 3.

Comunicação e Ambiente Regional; 4. Jornalismo, Ética e Mercado de Trabalho; 5. Jornalismo e Cidadania.

Experiência diferenciada entre todos os cursos de Comunicação Social do Centro Oeste: “O entendimento é que todos os alunos devem ter uma formação geral, que resulte num perfil comum, além das formações específicas de cada habilitação, suficientes para garantir perfis específicos. Essa formação geral estará assegurada por um conjunto de disciplinas obrigatórias para as três habilitações (Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Audiovisual), distribuídas em sete eixos temáticos, que formam a base e o lastro comum do Curso de Comunicação e que são, na prática, os conteúdos genéricos. O perfil específico do aluno se alcança por conjuntos de disciplinas de cada habilitação”(Curso B).<sup>8</sup>

O referido curso também estabeleceu sete eixos temáticos em seu Projeto Pedagógico: 1. Expressivo; 2. Comunicação Audiovisual; 3. Ética e Cidadania; 4. Pragmático; 5. Epistemológico; 6. Disciplinas Obrigatórias Seletivas; e. 7. Histórico-Normativo e de teorias.

A prática interdisciplinar e as mudanças tecnológicas estão no centro das preocupações e justificativas do Curso C: “Em função das mudanças tecnológicas, que identificam esse século como da imagem e fluidez rápida das transformações, o profissional a ser formado no curso deve estar atento e pensando na contemporaneidade e mantendo-se atualizado com as novas perspectivas que surgem nesse momento de uma verdadeira revolução tecnológica. Os avanços na formação profissional se sustentam na preocupação com a interdisciplinaridade, pela crescente capacitação docente e pelo estímulo à pesquisa”.

O Curso D garante que a missão principal “vai além de uma análise simplista de mercado e foca seu perfil em um jornalismo sistêmico que visa posicionar o futuro profissional para uma visão geral dos sistemas que compõem a atividade jornalística...formando, assim, um profissional mais crítico, capaz de contextualizar as informações recebidas e produzir material jornalístico mais completo e analítico”. Já o Curso E privilegia em seu Projeto Pedagógico “a formação de um profissional híbrido, crítico, multifuncional, comprometido com o negócio da propaganda e coma busca de soluções eficazes para seus clientes, tendo como base a formação humanística, teórica, técnica e prática, nas diversas áreas relacionadas à publicidade e propaganda”.

Face às atuais transformações tecnológicas e dos processos que atingem a Comunicação Social, O Curso F busca adequar o perfil do profissional a ser formado a duas ordens de exigências: “De um lado, um profissional preparado para acompanhar as constantes mutações do País, inserido na economia e sociedade globalizadas. De outro lado, preparar um profissional que domine instrumentos tecnológicos de modo a exercer práticas comunicacionais, sem ficar, entretanto, atrelado a mecanismos prejudiciais às exigências contemporâneas das ciências sociais aplicadas”. O curso G segue essa mesma linha: “A chamada globalização tem induzido à geração de novos paradigmas de administração da comunicação, em especial pelo vertiginoso desenvolvimento da informática, abalando as grandes correntes do pensamento econômico e político”. E, assim, acena para a formação de um profissional capaz de aliar capacidade técnica, teoria e reflexão, formulação de planos, programas e projetos, revelando-se como instrumentos de alcance não só do desenvolvimento material, mas do ser humano como um todo”.

O curso H desenvolve o seu Projeto Pedagógico em torno de um eixo temático – Jornalismo e Cultura Regional – , entendendo-se como “um modo de produção histórica e cultural, em que o caráter regional deve abarcar a pluralidade e, portanto, dimensões diferenciadas e interdependentes”. E considera o profissional de jornalismo “um agente sócio-cultural e, como tal, sua construção supõe a experiência das dimensões técnica, ética e estética, de forma que este possa ser o profissional do fazer e do pensar”. Na mesma habilitação – Jornalismo -, o curso I prioriza TV, Rádio e WEB: “O curso tem característica interdisciplinar, valoriza as atividades extracurriculares e, em vista do crescimento e expansão das emissoras de Rádio e Televisão, bem como do Webjornalismo, busca colocar no mercado profissional capacitado para atender às exigências da revolução tecnológica contemporânea”.

Articulação das disciplinas em torno dos produtos laboratoriais é o ponto destacado do Projeto Pedagógico do curso J. “Essa articulação – explica – ocorre através de núcleos de produção de Impresso, Rádio, TV, Assessoria e Online. A estratégia para efetivar a interdisciplinaridade tem sido a de promover trabalhos, discussões e adotar bibliografia comum, instrumentalizados em reuniões pedagógicas”. A preocupação com a prática também caracteriza o

Projeto Pedagógico do curso L: “A grade curricular é responsável pelo diferencial do curso, pois oferece disciplinas práticas e voltadas para o mercado de trabalho, e através de práticas profissionais integradas em todo os períodos o aluno compreende as teorias através de exercícios práticos, atendendo clientes reais e atividades extra-sala com visitas técnicas, participação em palestras e seminários locais, regionais e nacionais”.

## **2.1 Identificação das tendências, formação e mercado**

As outras cinco questões tiveram (v. nota 1) como objetivo principal extrair os formatos encontrados pelos cursos para a execução do Projeto Pedagógico. Além disso, a análise das respostas permitiu a identificação das dificuldades enfrentadas para a adequação dos cursos às mudanças no Ensino Superior Brasileiro e o Novo Modelo de Avaliação e a adequação às mudanças acarretadas pelas Novas Diretrizes Curriculares, bem como das potencialidades, experiências e linhas de trabalho adotadas.

Foram observadas diferenças pontuais entre os dois blocos de cursos pesquisados – privadas(aqui incluída uma instituição confessional) públicas – e por essa razão os quadros e análises foram construídos separadamente. Ao contrário dos três quadros anteriores, não serão destacados todos os cursos, pois a semelhança das estratégias adotadas tanto pelas instituições privadas quanto pelas públicas tornariam o texto muito repetitivo e cansativo.

<b>TIPOLOGIAS DOS CURSOS DE INSTITUIÇÕES PRIVADAS</b>
01. Prioridade de formação sintonizada com o mercado de trabalho
02. Grandes investimentos em laboratórios e tecnologia
03. Busca permanente de inserção no mercado regional
04. Tendência clara em superdimensionar a prática
05. Comunicação online em fase de supervalorização

06. Crescimento de TVs Universitárias e Rádios Educativas
07. Subaproveitamento da flexibilização das Diretrizes Curriculares
08. Lentidão e falta de planos de capacitação docente
09. Maioria dos docentes contratados por hora/aula
10. Espaço muito limitado para as pesquisas

#### **Quadro 4: Pontos fortes e deficiências (IES Privadas)**

<b>TIPOLOGIAS DOS CURSOS DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS</b>
01. Sintonia com as novas Diretrizes Curriculares
02. Alto índice de qualificação docente
03. Construção de harmonia dos perfis (geral e específico)
04. Tentativas de equilíbrio entre teoria e prática
05. Crescimento de TVs Universitárias e Rádios Educativas
06. Espaço crescente da Comunicação Online
07. Quadro docente insuficiente
08. Laboratórios/tecnologia em defasagem
09. Lentidão na oferta de disciplinas optativas
10. Nível dos alunos facilita as experiências inovadoras

#### **Quadro 5: Pontos fortes e deficiências (IES Públicas)**

O quadro 3 evidencia que as Instituições de Ensino Superior da Rede Privada optaram por laboratórios sofisticados para que os seus egressos cheguem ao mercado de trabalho já acostumados com as tecnologias. Para isso há uma tendência em superdimensionar as

chamadas aulas práticas. O investimento é alto no aparelhamento de TVs Universitárias e Rádios Educativas e na Comunicação Online (Internet). É o caso do curso A que prioriza não apenas a realidade regional, com a criação de disciplinas que respondem “as necessidades próximas” mas, também, investe em modernos laboratórios e tecnologia avançada. Linha comum entre todos os cursos das instituições privadas é a adaptação da grade curricular a partir das Diretrizes Curriculares e Sistema de Avaliações.

O curso D, mesmo adotando a prática de inovações, tecnologia e inserção no mercado de trabalho regional, revela que o perfil acadêmico do ensino superior particular, principalmente das Faculdades menores, é preocupante, pois “a maioria dos alunos” tem muitas dificuldades na busca de conhecimento devido o baixo índice de informação e a quase que total ausência de leitura. Os cursos D e E centram suas observações na dificuldade de capacitação docente, em que as bolsas para mestrado e doutorado nos grandes centros são escassas, para não dizer inexistentes, o que compromete a adaptação integral às Diretrizes Curriculares.

Com referência ao Quadro 5 os perfis das duas instituições públicas apresentam diferenciais. O Curso B investe na integração de três habilitações a partir de uma equação inovadora de quatro segmentos: 1º estágio – Sintonia (caráter amplo). 2º estágio – Aproximação (caráter introdutório); 3º estágio – Vivência (caráter específico) e 4º estágio – Aprofundamento (caráter reflexivo). Mas, ao mesmo tempo, confessa a dificuldade de oferta de disciplinas optativas, do número insuficiente de professores e do esforço que precisa ser feito para “criar condições técnicas e materiais para que as disciplinas sejam ministradas com um mínimo de qualidade e competência”. Ambos os cursos destacam o bom nível dos alunos, ao contrário do que ocorre nas instituições privadas.

Porém, o curso H faz críticas mais visíveis “à insuficiência de investimentos na infra-estrutura”, que vai desde o acervo biográfico, passando pelo espaço físico, até os laboratórios. Assim, prioriza o eixo-temático Jornalismo e Cultura Regional, sob a argumentação de que é importante destacar que “o compromisso do comunicador envolve a observação e reflexão de mundo, de modo que, percebendo-o, possa expressá-lo. Não lhe cabe, portanto, somente a função técnica, mas a função social de comprometer-se com o

mundo, de reconhecer que sua autoria responsável deve ser fruto do diálogo social...”

#### **4. Em busca de novas estratégias**

Para desenhar novas estratégias que possam levar a um desenvolvimento satisfatório do processo de ensino – aprendizagem, contextualizado no cenário dos cursos de Comunicação Social de universidades do Centro Oeste brasileiro, dever-se-ia levar em conta as novas expectativas do mercado de trabalho, e dos acadêmicos, remodelando a grade curricular, a formação docente, e a adequação material e tecnológica das instituições de ensino, de forma que o egresso pudesse estar em condições de desempenhar correta e seguramente, as funções práticas e teóricas exigidas por sua profissão, seja ela qualquer uma das habilitações.

É relevante lembrar que a formação acadêmica deve prever as necessidades atuais e futuras do profissional que está formando, não apenas atendo-se ao que é ideal para a atualidade, mas tentando incorporar em suas diretrizes, as indicações de vanguarda que podem fazer o diferencial entre um egresso preparado ou não para o mercado de trabalho, quando este obtiver seu diploma de 3<sup>o</sup> grau.

Outro fator observado é a importância que o corpo docente ocupa na formação do corpo discente. A construção de uma ligação positiva e afetiva nas relações interpessoais entre alunos e professores parece propiciar uma otimização do processo ensino-aprendizagem, devendo portanto ser considerada a possibilidade de investigar quais os melhores meios e caminhos para reforçar a comunicação realizada, à parte da realizada com fins acadêmicos e didáticos.

Os cursos investigados no Centro Oeste mostraram que alguns problemas resistem, mesmo após a flexibilização proporcionada pelas novas Diretrizes Curriculares e a Avaliação. É o caso, por exemplo, das grades curriculares, ainda ‘amarradas’ ao sistema clássico – há tempos completamente superado – da dicotomia teoria/prática. As disciplinas mudam de nomenclatura, mas, quase sempre, continua as mesmas.

Observa-se, ainda, uma lentidão inexplicável na valorização

docente. Nas instituições privadas a qualificação dos professores ainda é considerada problema, quando o correto seria solução. Já nas públicas, a reclamação geral é contra a ausência de concursos ao longo da de uma década, esvaziando os quadros e aumentando o 'inchaço' dos chamados "professores substitutos".

Como sinalização positiva, as Universidades do Centro Oeste estão buscando igualar-se à realidade de mercado no que se refere à tecnologia. Laboratórios avançados e produção são registros que merecem ser destacados pois, quase sempre, resultam em qualidade. A presença de Televisões Universitárias e Rádios Educativas sintonizadas com a era de tecnologia digital, e Comunicação Online são agradáveis surpresas, especialmente nas instituições privadas. As públicas continuam, ao que parece, na sua luta incansável e sem tréguas para evitar o sucateamento.

Por último, consideramos oportuno e digno de exemplo o registro de duas instituições superiores do Centro Oeste – uma privada e outra particular – envolvendo quatro habilitações (duas de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Audiovisual), as quais estão sabendo melhor aproveitar a abertura das Diretrizes Curriculares. Com planejamento e criatividade estão alguns passos à frente das demais encontraram mecanismos que resultaram em avanços na difícil e polêmica batalha pela formação segura e de qualidade no âmbito dos Cursos de Comunicação Social do Centro Oeste. Não queremos dizer que tal ocorre em apenas duas instituições na região, por dois motivos claros e transparentes: o retorno de apenas treze questionários e, mesmo assim, vários deles extremamente econômicos e informações.

## Notas

1. Região Centro Oeste: prof. Dr. Eron Brum; Região Sul: profa. Dra. Cláudia Moura; Região Nordeste: prof. Dr. Albino Robin; Região Norte: prof. Dr. Walmir Albuquerque Barbosa; e Região Sudeste: profs. Drs. Adolpho Queiroz e Fernando Ferreira de Almeida.

2. CASAGRANDE, L.D.R. O discurso da sala de aula: um método de ensino baseado na comunicação professor-aluno. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO EM ENFERMAGEM, 1, 1988, Ribeirão Preto. Anais...Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem da USP, 1988. p.132-161

3. STOCKINGER, Gottfried. Para uma Teoria Sociológica da Comunicação. LabCom

- Laboratório de Comunicação On-line. Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/stockinger-gottfried-teoria-sociologia-comunicacao-pdf>. Último acesso em 30-11-2004.

4. LUHMANN, Niklas. *A Improbabilidade da Comunicação*. Lisboa: Vega, 1992

5. REGO, Antônio. Eficácia Comunicacional na Ocorrência Universitária: A Perspectiva de Estudantes e Professores. Em <[http://www.scielo.br/php?script=sci\\_artext&pid=S0102-37722001000300010&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/php?script=sci_artext&pid=S0102-37722001000300010&lng=pt&nrm=isso). ISSN 0102-3772. Acesso em 29-11-2004.

6. O questionário foi enviado aos coordenadores dos Cursos de Comunicação do Centro-Oeste, com cinco questões: 1. Síntese do Projeto Pedagógico, destacando os pontos mais relevantes, em especial àqueles relacionados à inserção do Curso na Realidade Regional e à interligação das disciplinas; 2. Dificuldades enfrentadas para a adequação dos cursos às mudanças no Ensino Superior Brasileiro e o Novo Modelo de Avaliação para as condições de oferta dos cursos de Comunicação Social e suas Habilitações; 3. Destacar as potencialidades do seu Curso de Comunicação Social; 4. Relatar as limitações e as Dificuldades enfrentadas para adequar-se às mudanças acarretadas pelas Diretrizes Curriculares e Avaliação; 5. Linhas de trabalho adotadas para adequar-se às mudanças; e 6. Outras informações, comentários, observações, críticas e sugestões que considerar pertinentes ao assunto.

7. Estas foram as Instituições de Ensino Superior do Centro Oeste que responderam ao questionário: DF - Universidade de Brasília (UnB) - Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Audiovisual; Mato Grosso do Sul - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Jornalismo; Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP) - Jornalismo e Publicidade e Propaganda; Faculdades Estácio de Sá (FES) - Jornalismo e Publicidade e Propaganda; Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) - Jornalismo; e Faculdades de Mato Grosso do Sul (FACSUL) - Publicidade e Propaganda; Goiás - Centro Educacional Alves Faria (CEAF) - Jornalismo; Faculdade Cambury (FC) - Publicidade e Propaganda. Mato Grosso: Universidade de Cuiabá (UNIC) - Jornalismo.

8. A denominação curso B engloba três cursos, já que as três habilitações têm uma formação geral, que resulta em um perfil comum, além das formações específicas da cada habilitação. A formação geral está assegurada por um conjunto de disciplinas obrigatórias.

## Referências bibliográficas

ARNOLD, E.; BOGGS, K. *Interpessoal relationship: Professional communication skills for nurse*. Philadelphia: W. B. Saunders, 1989.

BRUM, Eron e IJUIM, Jorge K. Ensinar Jornalismo...ou Aprender Jornalismo? In: *Retrato do Ensino em Comunicação no Brasil*. São Paulo: Intercom, 2003. PERUZZO, Cícilia M. e SILVA, Robson. B. (Orgs.)

CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida*. São Paulo: Cultrix, 2000.

CASAGRANDE, L.D.R. O discurso da sala de aula: um método de ensino baseado na comunicação professor-aluno. In: *SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO EM ENFERMAGEM*, 1, 1988, Ribeirão Preto. Anais...Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem da USP, 1988. p.132-161

LUHMANN, Niklas. *A Improbabilidade da Comunicação*. Lisboa: Vega, 1992.

REGO, Antônio. *Eficácia Comunicacional na Docência Universitária: A Perspectiva de Estudantes e Professores*. Em:[http://www.scielo.br/ph/p?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722001000300010&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/ph/p?script=sci_arttext&pid=S0102-37722001000300010&lng=pt&nrm=isso). ISSN0 102-3772. Acesso em 29/11/2004.

STEFANELLI, M.C. *Comunicação em enfermagem: teoria, ensino e pesquisa*. São Paulo: Escola de Enfermagem da USP, 1990.

STOCKINGER, Gottfried. *Para uma Teoria Sociológica da Comunicação*. LabCom – Laboratório de Comunicação Online. Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal. Disponível em: <http://bo.c.c.ubi.pt/pag/stockinger-gottfried-teoria-sociologia-comunicacao-pdf>. Acesso em 30/11/2004

VASCONCELOS, Maria José Esteves. *Pensamento Sistêmico. O Novo Paradigma da Ciência* 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.